

O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 11 de Abril de 1987 * Ano XLIV — N.º 1124 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Páscoa

Por
P.e Manuel António

Quando O GAIATO sair à rua e entrar em vossas casas, a Páscoa está à porta. É a Festa da Vida. É a vitória definitiva da Vida sobre a Morte. Tudo isto é tão fácil dizer. É tão lindo pensar. Mas os gestos próprios da Páscoa são tão difíceis de ter!

Jesus «devanta-se da mesa, tira o manto... e começa a lavar os pés dos discípulos, como Servo». É um gesto humilde que fala muito mais que as palavras. Tem mais força que a água de um rio caudaloso que invade os campos em tempo de seca; e vai pôr Vida onde havia sinais de morte.

Páscoa é a Festa da Vida. Ele há tanta gente que não vive ainda porque lhe falta tudo! Onde estão os servos? No coração de cada um há um chamamento para o serviço. Ah, quem dera que a Páscoa se tornasse na Festa da Esperança para tantos «filhos da rua», acarinhados à sombra da Cruz do Senhor Jesus!

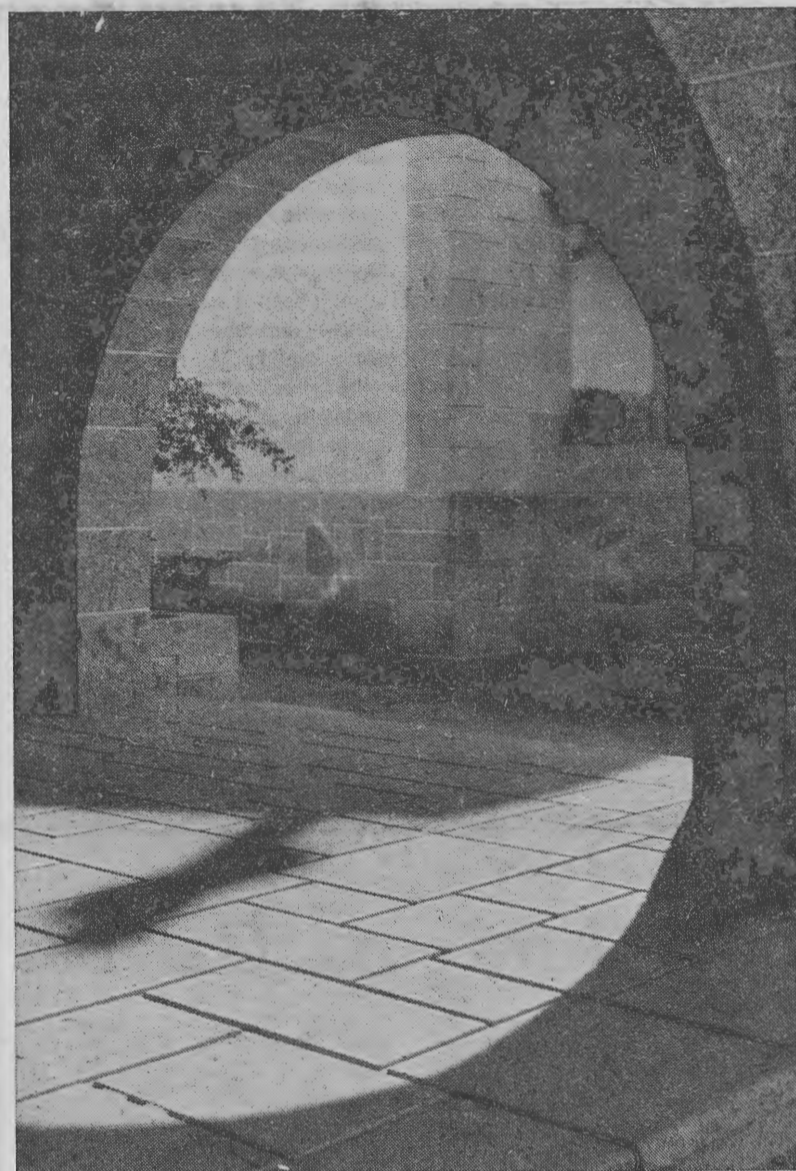
«Ninguém tem maior Amor do que Aquele que dá a Vida pelos Seus amigos» (Joa. 15, 13). Aceitar a Morte e dar a Vida é a manifestação suprema de um amor infinito. Está aqui o segredo de vidas felizes e fecundas. Dar a Vida e não

ter mais nada para dar. Ser capaz deste dom é a experiência mais rica da Páscoa do Senhor. Ele foi capaz.

Acredito sinceramente que a força de Cristo pode transformar a vida dos baptizados. Pai Américo celebrou a Páscoa deste jeito. Por isso a Obra da Rua ficou como fruto para ser continuada. Deu a vida por nós. Por todas as pessoas. Estou a olhar os gaiatos mais pequeninos a pedir tudo do que sou e tenho. Vejo os mais crescidos de olhar inseguro para o futuro. No centro da vida da Obra da Rua está a Cruz a convidar a «responder ao amor com o amor».

Tenho, diante de mim, duas cartas que vieram pelo correio. Uma conta a vida de uma família, em que ele é canceroso e ela reformada, com dois filhos a viver no mesmo quarto e a cozinhar num cubículo onde estão as fossas: «Muitas vezes estamos a comer com um cheiro que ninguém lá pode estar!» A outra carta é do mesmo lugar; só que as pessoas são diferentes para maior desgraça ainda.

O Senhor deu a Vida por todos. Por estas famílias e por estes filhos também. E são multidões!



A sombra da Cruz beija o chão das Escolas da nossa Aldeia — santuário d'almas. «É para nós a palavra d'ordem, tal qual vem nas cartas do Apóstolo: A nossa Páscoa é Jesus crucificado.»

Faz-nos bem levar a Páscoa a estes sítios para que a nossa seja mais verdadeira.

Ele há-os que têm tudo e não vivem. Dar o passo decisivo e não ter medo da Cruz

que leva à Ressurreição e à Vida! Vamos celebrar a Páscoa varrendo do nosso íntimo a maldícia, o pecado, a hipocrisia? É um convite humilde nesta Páscoa do Senhor.

TRIBUNA DE COIMBRA

Estou a ver quatro dos nossos carpinteiros a dar os últimos retoques à casa nova que a família dona irá habitar neste fim-de-semana. No princípio pareceu um sonho. O amor da entre-ajuda tornou o sonho realidade. A casa está muito acolhedora.

A dona, mãe de sete filhos pequenos, custa-lhe a acreditar que a casinha já esteja pronta e fique tão boazinha. A casa tem custado muito suor e lágrimas — a ela, ao marido e aos filhos mais velhinhos. A mão d'obra foi praticamente toda deles. Muitos e longos meses de luta, depois de anos à espera. A família não parou todos os fins-de-semana! De manhã cedo até altas horas da noite. A toda a hora encontrávamos gente a trabalhar. Agora, as caras são de mais sorriso e de mais esperança na vida. Já têm a casa nova — e todos um lugar.

A simpatia e os filhos desta família ajudaram a construção. Vizinhos e mais amigos participaram. Cada um ajudou dentro da sua arte. Um fruto maravilhoso de Autoconstrução! Pai Américo pregou esta maravilha que o amor dos homens é capaz de fazer.

O exemplo desta e de outras famílias leva-nos por Portugal fora a encontrar tantas outras famílias sem casa (e com possibilidade de a ter), muitas vezes por falta de iniciativa ou preguiça. Poderá ser mais fácil não fazer nada ou ir para lugares de ajuntamento ou tabernas. É mais fácil cruzar os braços...

Há tantas casas a ficar abandonadas e outras tão insuficientes à espera de braços generosos! O sistema de Autoconstrução tem mobilizado muitos corações e muitas vidas, mas só em algumas regiões mais atentas. — Neste Ano Internacional da Habitação que se irá fazer?!, perguntavam, há dias, numa igreja de Coimbra. Sorri e respondi que se iria escrever muito, os órgãos de comunicação dariam grande relevo, haveria quem discursasse e... pouco mais.

Como esta e outras famílias vamos levantar-nos, tirar as mãos dos bolsos, chamar os amigos, pedir a quem nos possa ajudar. Vamos fazer ou reparar a nossa casa. Vamos sentir mais alegria de viver.

Padre Horácio

SETÚBAL

Não fui eu quem planeou a compra da nossa casa no Portinho da Arrábida. Não fui, não senhor. Os planos estavam feitos, há muito. Eu é que não sabia. Fui mandado. Fazia parte do plano. Era uma personagem da História.

Ora vejam e alegrem-se comigo. Um dia, o Poeta da serra-mãe, Sebastião da Gama, escreveu no seu livro *O Segredo é amar*: «Dia para se não esquecer, acabado entre versos

e canções, na Casa do Galato. Ia chorando quando vi o Padre Américo e o abracei: «Faz tu, também, uma Obra assim!».

Nem os dois grandes pedagogos e poetas e santos, nem tu nem eu sabíamos da relação que se haveria de estabelecer entre a Casa do Gaiato, a Arrábida, o pensamento e as realizações da família Gama, mas o plano estava gizado por Aquele que tudo faz com Amor.

Não admira que a sensibilidade do Poeta vibrasse diante de outro Poeta que cantou e demonstrou, como poucos, que o «grande segredo é amar».

As cartas de comunhão e júbilo não digo que tenham chovido, que é exagero, mas o correio ainda não chegou em jejum. Duas, três ou quatro cada dia vão-nos animando.

Cont. na 3.ª pág.

AQUI, LISBOA!

«Há tão pouca gente que disponha de tempo e que tenha a paciência de ouvir os inválidos dentro das suas mansardas! A esmola do pedinte das ruas é mais cómoda e mais vistosa.» (Pai Américo)

Por mais que insistamos é difícil de levar grande número de visitantes a renunciar à tentação da «esmolazinha» aos nossos pequenos, à mistura com palavras de pseudo-compaixão e da oferta de objectos de alto valor, nada condizentes com o nosso tipo de vida.

Os responsáveis dos vários grupos que até nós chegam, são sempre avisados da existência de locais ou de pessoas mandatadas para receber eventuais ofertas. Em sítios estratégicos estão colocados cartazes esclarecedores sobre a matéria, solicitando ajuda para bem podermos educar os Rapazes. Por mais que nos esforcemos, todavia, os resultados são francamente negativos, criando-nos problemas graves, a juntar a muitos outros, já de si nada fáceis, que temos de enfrentar no dia-a-dia.

Muitas das crianças que

recebemos foram habituadas na sua curta existência à prática da pedincha, com os expedientes mais hábeis e diversificados. As guloseimas, o fumo e outros vícios, para lá das importâncias a entregar aos familiares ou mandantes, tinham aí a sua origem. Uma Casa do Gaiato tem de responder com processos contrários às maneiras enraizadas. Alguns, com saudades desses tempos, têm regressado à rua, tal a força dos hábitos contraídos.

Pai Américo denunciou sempre com energia o problema da esmola. Relativamente à criança da rua diz que é aqui que ela encontra todos os meios de perversão e que um deles, precisamente, é a pedincha; «o pior, porque tem o nosso concurso». E em curto texto, aliás já nestas colunas citado: «A esmola da rua é de todas a mais fácil de dar e a mais inconveniente. Faz-se ordinariamente com ela um mal sob as aparências de um bem!»

Infelizmente, não é só a esmola que devemos verberar. Muita gente esquece que, às vezes, são os mais insinuantes e simpáticos os mais difíceis, cedendo, também aqui, à ten-

tação das ofertas desmedidas, nem sempre justas e correctas. Pai Américo, citamos de cor, dizia não ser amigo de Portugal quem fazia ofertas à revelia do seu conhecimento.

Nas idades próprias, graças a Deus, não falta o indispensável aos Rapazes. Assim eles o mereçam, que não escasseiam ocasiões ou pretextos para isso. Mas todos, e isso é indispensável, temos de nos entretajar. Os nossos Amigos nunca podem esquecer que os responsáveis têm necessidade absoluta de estar a par de como e quando aparecem as coisas e de ter na sua posse os mais variados elementos ou aspectos da vida dos seus pupilos. Sim, porque nos gastamos, no conhecimento de cada um, a acompanhar a evolução dos Rapazes, corrigindo ou estimu-

lando, conforme os casos, nas vinte e quatro horas do dia, enquanto outros, nuns escasos minutos ou com um simples gesto, podem fazer perigar todo o nosso fatigante trabalho.

Dolorosamente, temos também de dizer, por amor à verdade, que, para lá do mundo de coisas susceptíveis de serem enquadradas nas palavras atrás expressas, outras há muito mais graves. Por exemplo: um dia destes, andando três pequenos, entre os 9 e os 11 anos, a apanhar laranjas, alguém, que vive sem dificuldades, se permitiu colocar no seu carro de marca, determinada quantidade delas, dando a cada um dos miúdos uma moeda de vinte e cinco escudos...

É assim a nossa vida. Muito ajuda quem não estorva, diz o Povo. Que todos saibamos conjugar esforços no sentido de realizarmos a finalidade das Casas do Gaiato: «Fazer de cada Rapaz um Homem».

Já nestas colunas fizemos um apelo para que os nossos Amigos de Emaús, em Portugal, possam encontrar instalações adequadas para o exercício da sua acção em favor dos desprotegidos e marginais. Seria oiro sobre azul se conseguissem nos arredores da Capital uma quinta ou propriedade. Quem ouve este pedido, que fazemos nosso? É que, infelizmente, até agora, não foi possível encontrar em Lisboa ou arredores um casarão antigo, uma fábrica abandonada, um barracão ou um terreno, isto é, um espaço onde se possa instalar uma Comunidade e a partir daí servir os menos felizes e servir primeiro os que mais sofrem, como consta da espiritualidade de Emaús. Qualquer resposta pode ser dada para a pequena casa que os Companheiros de Emaús possuem em Chelas: Zona J de Chelas, Lt. 5, 45 — 1.º piso, 1900 Lisboa (telef. 852490).

Padre Luiz

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● O homem adoeceu. Não havia que pôr na panela, no tacho. Nem caldo nem conduzido nem pão! Mais do que a boca dos pais, incomodava-os a boca dos filhos.

Demos a mão. Acudimos — sem o mundo se aperceber. Não mais falta o necessário — pela generosidade dos Leitores. Mas «logo q'a gente deixe de precisar» — adverte o casal — «avisaremos logo!»

Entre a classe de novos Pobres (desde que normais, integrados no meio), estes votos são vulgares, graças a Deus.

O homem melhora. Regressa ao trabalho — mas fecham-lhe a porta!! Não desanima. Anda por lá, no mercado de emprego, pelo seu pé, em busca dum posto de trabalho. Sem perder a fé!

● Hoje, situemo-nos na problemática do desemprego:

Por excesso de esforço físico, um velho carrejão arma sarilho na empresa e o patrão ordena o despedimento — após dezoito anos de labuta diária, sem mácula.

— Vem para casa. Medita... (Já havíamos ajudado a atenuar uma deficiência congénita à filha, hoje outra moça!) A mulher banhada de lágrimas! Fora criada do empresário...

— Escrevam uma cartinha. Tenho vergonha d'ir lá... Digam q' o meu home pede perdão, q' ele precisa de trabalhar...

Limpa os olhos e procede a um acto de fé: «Deus lhe ponha a santa Mão...!». E leva a carta prò marçó do correio.

PARTILHA — A «cotazinha, de Março, com inalterável amor aos Pobres» — da «Maria de Portugal». Rosa, de S. Mamede de Infesta, 500\$00.

Oferta da assinante 25637, de Vila Nova de Gaia. Remanescente de contas da assinante 14802, de Parede. A generosidade habitual da assinante 31104, agora por intenção «de meu querido irmão». Oportuníssimas remessas de Escalhão e Faro. Mil, da assinante 20631 «que desejava fosse entregue a uma velhinha». Os habituais óbulos do assinante 11902, do Fundão. Um cheque do assinante 23618 «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Mil, da assinante 5484. Viúva, «para uma Viúva necessitada». Que bem! Quatro mil, de «Avó de Sintra» — sempre d'alma jovem! Quinhentos, da assinante 7769, do Porto, «dados por duas senhoras, uma delas muito rica que só deu 20\$00!»

Temos, por fim, ressonâncias aos casos ultimamente referidos nesta coluna: Assinante 27063, por vale de correio. Maria Augusta, de Custóias, cinco contos. Anónimo(a), da capital, seis. Assinante 3359, do Porto, duas presenças com a amizade de sempre. Dois contos, de Pinheiro de Loures: «Vou procurar voltar». Os Pobres estão à nossa espera...

Alto lá! Uma estudante — de Coimbra, aonde Pai Américo muito tarimbou — manda «uma pequena migalha com muito carinho»; e acrescenta: «Ao saber o que estava a fazer, uma amiga juntou mais uma notinha». O Bem irradia!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Tojal

A NOSSA CASA — A vida em nossa Casa suscita, a quem nos visita, uma certa curiosidade e admiração: «Não fazia ideia do que era isto!» Somos assim e queremos continuar assim. É o Filipe e o Ricardo, de três anitos, que brincam no parque. É o «Minhocas» e outros tantos da sua idade que tratam de varrer as

ruas e raspar as ervas. Outros, da limpeza das diversas moradias. O padeiro coze o pão. Os estudantes que trabalham na lavoura, cuidam dos porcos e das vacas. Os rapazes que optaram por um ofício, aprendem nas nossas oficinas-escolas de tipografia, carpintaria e serralharia. Como a sineta toca para as refeições, o cozinheiro e rapazes que preparam hortaliça oferecem o seu contributo: sopa quentinha, conduzido e não só... — Quem é que trata das roupas? São os rapazes que estão na rouparia: cosem e passam a roupa a ferro. Somos assim, os pequeninos e os grandes, uma Família — a Casa do Gaiato.

E como a Primavera está próxima, tudo está verdinho e florido. O ar fresco, o perfume das flores e o cantar dos passarinhos dão suavidade e tranquilidade à natureza que se harmoniza com a nossa vida.

Aproveito para convidar todas as pessoas a passarem um dia na nossa companhia; e, também, os nossos amigos desportistas que tragam, até nós, as equipas das empresas ou colectividades a que pertencem.

José Manuel dos Anjos

Paço de Sousa

CONVÍVIO — Nos dias 20, 21 e 22, houve um Convívio Fraternal, em Valadares. Participaram cinco gaiatos — de Paço de Sousa. Uma oportunidade para se aproximarem de Cristo Jovem!

AGRADECIMENTO — Expressamos um muito obrigado pela pronta resposta de vários Leitores, que suprimam a falta de máquinas de escrever.

Em pouco tempo chegaram as máquinas necessárias para a administração d'O GAIATO!

Bem hajam!

Ludgero Paulo

ASSOCIAÇÕES dos Antigos Gaiatos

NORTE

Em 28 de Fevereiro, a pedido da Direcção, realizámos uma Assembleia Geral.

Dos assuntos tratados, destacamos: A confirmação do dia 19 de Julho para o nosso convívio anual em Paço de Sousa; aprovação da proposta para uma excursão às nossas Casas do Gaiato de Miranda do Corvo, Setúbal e Tojal; e, também, a aprovação do símbolo da nossa Associação.

Relativamente à excursão damos a conhecer o respectivo programa:

27 de Junho — 8 h, partida do Porto (junto ao Lar); 12 h, almoço na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo; 15 h, partida, jantar e dormida em Setúbal.

28 de Junho — 9 h, partida para o Tojal; 12 h, Missa na comunidade do Tojal; 13 h, almoço; 15 h, partida para o Porto com passagem por Fátima.

Devemos salientar que os nossos Padres Horácio, Acílio e Luiz — contactados aquando da sessão solene no Coliseu dos Recreios, em Lisboa — se prontificaram a dar-nos toda a colaboração possível, nomeadamente fornecendo as refeições e dormida.

Chamamos a atenção para o facto desta excursão se rea-

lizar no âmbito das comemorações do Centenário do Pai Américo, tendo como principal objectivo dar a conhecer aos filhos mais velhos da Obra da Rua a grandeza da Família a que todos pertencemos.

Carlos Gonçalves

SUL

Convocam-se todos os antigos gaiatos para a Assembleia Geral que se realiza no dia 3 de Maio, das 10 às 13 horas, na Rua da Padaria, junto à Sé Patriarcal, em sala gentilmente cedida pela paróquia da Madalena, onde, aliás, reunimo-nos pela última vez.

Ordem de trabalhos:

1.º — Apresentação, pela Direcção, do trabalho efectuado e obstáculos nele encontrados.

2.º — Discussão do Relatório e Contas.

3.º — Estratégia a seguir, em virtude dos graves problemas.

É urgente que ninguém falte! Somos uma Associação com responsabilidades e estamos muito longe de as podermos assumir.

Comparece e passa palavra. Se houver alguma alteração, será feita através de circular.

Cândido Pereira



RESCALDO

do Centenário do Pai Américo em Lisboa

N. da R. — A palestra do Prof. Dr. Henrique Martins de Carvalho, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, não poderia ficar omissa nas páginas d'O GAIATO, mau grado a carência de espaço que obriga ao mais difícil: citar estratos de alguns pontos fulcrais, para que o leitor possa saborear a riqueza e oportunidade da magnífica conferência.

«Vede o que faz em uma pedra a arte. Arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, informe, e (...) toma o maço e o cinzel na mão e começa a formar um homem.» Todos conhecemos este trecho do Padre António Vieira. Mas talvez nem todos tenhamos reparado já quanto a alma constitui também uma pedra que é necessário esculpir. Apenas acontece que, neste caso, o escultor somos nós próprios e é Deus. Ora é uma obra do Divino Estatuário que hoje nos reúne aqui.

Américo Monteiro de Águiar nasceu, vai fazer cem anos, numa aldeia (Galegos) dos arredores de Penafiel. Aí foi criança e aí iniciou os seus estudos. Julgou então ouvir um primeiro chamamento, que

seu pai contrariou. E ele a seu pai obedeceu.

Fez depois os estudos comerciais e partiu para África. Aos 36 anos, como costumava dizer, sentiu a «martelada», a martelada do Divino Estatuário e ingressa nos franciscanos, onde aliás se não demorou. Mas, desta vez, a «martelada» havia sido definitiva: em 3 de Outubro de 1925 entrou no Seminário de Coimbra, de onde saíu padre quatro anos depois.

• As «Marteladas»

Foram portanto estas «marteladas» que na pedra informe inicial, começaram a fazer surgir uma figura. Assim o estatuário «começa a formar um homem...». E assim se foi moldando, no plano do espírito, uma personalidade excepcional.

Recorda a recente pastoral do Episcopado uma frase do novo padre, reveladora da sua modéstia e humildade tanto como da sua determinação: «Vendó que eu não servia para mais nada, mandaram-me tratar dos Pobres». Foi o que ele quis ouvir... Quer dizer: o Padre Américo era obediente perante a hierarquia da Igreja, mas começava já a ter consciência da sua missão. Sabia o que queria, embora decerto

não soubesse ainda como o realizar. Por que esta é uma das facetas apaixonantes da sua vida (...).

Vemo-lo por isso actuando por duas formas: inserido directamente no meio e trabalhando nele — na visita aos sem-pão; inserido por outro lado nas estruturas locais e orientando a Sopa dos Pobres.

Mas breve na sua alma avultou uma linha principal de preocupações: as crianças desprotegidas (...), na palavra dele, os «gaiatos». Lança na sua diocese as primeiras Colónias de Campo: em Vila Nova do Ceira e Miranda do Corvo. Era o prelúdio, do qual nasceu um sonho maior: criar centros permanentes, e não apenas temporários, onde o «Lixo das ruas» encontrasse família (...).

O Divino Estatuário continuava a moldar a alma do novo padre. E na plenitude da sua capacidade de acção, aos 42 anos de idade, ele põe de pé, ainda em Miranda do Corvo, a primeira Casa do Gaiato (...).

• O Padre Américo viveu numa época de transição social

Para compreendermos a sua Obra, escrevi há anos, deve-

mos ter presente que viveu num período de transição social e de ajustamentos de conceitos. O século XIX havia conhecido o liberalismo político e o mito da inevitabilidade da pobreza económica; salvo no sonho romântico de alguns, sempre haveria pobres, tal como sempre haveria ricos. Só a revolução vidente poderia, talvez, alterar a situação. E para aqueles a quem a vidência (essa espécie de vidência) estruturalmente repugnava, surgiu por isso a inesquecível mensagem de Frederico Ozanam. O espírito vicentino, que o Padre Américo aceitou e viveu como poucos, no Pobre via Deus e na obra a seu favor não apenas a Caridade mas também o caminho seguro para cada um se auto-melhorar.

Ora o século XX trouxe consigo novos conceitos: a justiça social definiu o direito ao trabalho e o direito à saúde, à promoção social e ao desenvolvimento comunitário (...). Ao enfrentamento novecentista entre o capital e o trabalho a sociedade moderna contrapõe uma realidade de três termos, e não apenas de dois: os quadros constituem hoje um vector impensável há um século; e não se inserem num nem no outro dos conceitos extremos tradicionais. Os planos de educação e de formação — clássica, acelerada ou permanente — estão moldando uma sociedade diversa, existente já em muitos países e que também entre nós saíu da ante-manhã. E, se dela não nascem sociedades sem classes, começam a conhecer-se sociedades sem pobres, no sentido material do termo, porque às vezes ainda com mais pobres no sentido espiritual.

O Padre Américo viveu pois numa época de transição. A sua vida iniciou-se num tempo dominado pelas consequências de um progresso económico que enodava com terríveis infra-estruturas sociais o esplendor aparente da *belle époque*. Mas projectou-se na geração actual, que, até ao gerar padres operários ou ao formular teologias de libertação, é dominada e iluminada por preocupações socio-económicas e socio-culturais diferentes e sabe poder dispor de meios eficazes para anular disfunções herdadas do passado e atenuar outras que o presente fez surgir. Por isso escrevi em 1965 que, inserta numa sociedade em veloz processo de mudança, a Obra do Padre Américo tem algo de ultrapassado e muito de antecipador. Procurarei dizer porquê. E, por isso, o melhor será deixá-la falar.

• Casas do Gaiato — fase inicial de um pensamento

As Casas do Gaiato constituem apenas a fase inicial de um pensamento. Na palavra do Fundador são «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Mas a todas assiste a tutela maternalmente carinhosa da Igreja, graças a sacerdotes, (...) a uma vivência que, a partir de certo momento, deixou de poder ser realizada por um só sacerdote.

Conheci o Padre Américo quando ainda era estudante e bastantes vezes nos encontramos. Um dia — e já não sei porquê... — falámos de poesia e referi-lhe o princípio de um poema que me parecia ajustar-se bem a ele e à sua acção: «Homem, cultivava em paz a courela sagrada,/ A tua seara, a tua vinha, o teu jardim./ Levanta ao mesmo tempo, aos Céus, as mãos e a enxada,/ Que neste mundo a paz só se consegue assim».

Padre Américo ficou entusiasmado e algumas vezes me saudou depois, repetindo as palavras: «Que neste mundo a paz só se consegue assim...». Para ele, a paz não era portanto um simples momento temporal dialéctico no interior de uma teoria de conflito. Era a ordem tranquila, como, melhor que S. Tomaz, a definiu Santo António. A paz como ordem tranquila, nas vidas e nas almas e não como qualquer ordem imposta. «A ordem tranquila»: não conheço, para a Paz, mais bela definição.

• Acção integrada na filosofia cristã

Na acção do Padre Américo Deus está sempre presente, tal como o Evangelho, a Boa Nova da Redenção pelo Amor. Isso, a autonomiza entre as obras similares. Mas caracteriza também a sua integração, mesmo quando apresentada em palavras muito simples, numa inteira filosofia cristã. O realismo moderado, de raiz escolástica, inspira o seu equilíbrio entre as solicitações do meio, sentidas objectivamente, e os caminhos escolhidos no plano subjectivo da decisão. Daí, por exemplo, a ideia de que os Rapazes não podem ser sujeitos passivos do esquematismo dos grupos etários, que tantas vezes anula os benefícios das fórmulas sociais mais antigas. E essa ideia levou ao aparecimento dos Lares do Gaiato, nos grandes centros, sobretudo a partir de 1945, para apoio dos

Cont. na 4.ª pág.

SETÚBAL

Cont. da 1.ª pág.

Uma Maria do Carmo escreve em dia de S. José e diz: «Se o Senhor me ajudar irá um cheque de 5.000\$00 todos os meses até que...». As reticências querem dizer que assumiu comigo a responsabilidade do pagamento! Oh comunhão!... E continua: «É para a casa da Arrábida. Não é só pelos gaiatos. Tenho que dizer a verdade. É pelo Sebastião da Gama, também. Se lá no Céu as pessoas se pudessem sorrir ou abraçar, Pai Américo e Sebastião da Gama sorrir-se-iam ou dar-se-iam um grande abraço com a notícia da compra dessa casa».

Um amigo da Arrábida, do Conventinho, etc., lembra com a saudade dos seus 83 anos as férias que por lá passou na juventude e manda 20 contos para «diminuir o grande buraco» e lembrar a sua falecida esposa. De Londres, uma carta protesta que os pobres têm o mesmo direito a férias que os ricos e traz 100 libras.

A assinante 13888, de Olhão, «para esse fim tão louvável» envia um cheque de 50 contos

para assim ser paga mais depressa. 3.000\$00, da Amadora, de Almada e da Damaia.

Do Porto — Ai Porto, Porto!... — «para a nova obra», 50 contos de um anónimo. Que lindo!... Mais uma Maria Eugénia: «Comprou (eu) uma casa confiando também em mim». 40 contos como renúncia quaresmal.

De Silves: «Parabéns pela casa do Portinho. Desculpa-me enviar tão pouco» — 25.000\$. De Mira, 20 contos. Viva a minha terra natal! O Pessoal da Administração Regional de Saúde, de Setúbal: cotização para a casa da Praia — 10.050\$. Um casal de três filhos com o ordenado mensal da esposa: 35.000\$. De uma religiosa, de Cucujães, mil escudos; e o mesmo da Maria Amélia e de Oeiras. Dez contos, da Venda do Alcaide; e da Parade, uma carta espiumante. De Almada, «aplausos» e vinte contos. De Setúbal, a Maria Aldegundes, 2.500\$00 e um abraço para mim e prós Rapazes. 2.000\$00 da assinante 18273. Cinco contos em dois envelopes, cada um com a sua nota, no ofertório da Missa dominical em

nossa Casa. É gente vizinha que nos ama e nos entende. O mesmo do Barreiro, da assinante 29884, deixado no Lar. De Castelo Branco, estas palavras: «Por essa aventura económica assustadora; por esse modo de ver as obras feitas antes de as realizar — à moda dos grandes de Deus (Pai Américo); por essa Casa ao serviço do Reino de Deus... para que os garotos da rua aprendam a amar a natureza e aprendam a descobrir a afável presença de Deus; para que surjam poetas, escritores, cantores (e servidores) do Farpão das ruas, de crianças abandonadas...», consigo bendigo a Deus pelas Suas obras. Bendigo e partilho e hei-de voltar a partilhar. O Irmão amigo...» Mais outra, de Cascais: «Fiquei comovidamente feliz com a compra da casa de férias. Eu nunca consegui ter uma casa própria. Há muito tempo que não sei o que é ter férias, mas vibrei...» — 20 contos. De uma velhinha, quase 93 anos, um cheque de cinco contos. «Com toda a boa vontade», de uma doente de Setúbal, três pinguinhas: três notas de mil.

Não queiras ficar no esquecimento. Se podes, debes! Preciso de diminuir o «buraco»...

Padre Acllio

do Centenário do Pai Américo em Lisboa

Cont. da 3.ª pág.

Rapazes que trabalham (como estudantes ou de outra maneira), após terem sido formados nas Casas do Gaiato. Daí também o respeito pela personalidade e pelas possibilidades de auto-valorização e de auto-correcção decorrente do princípio, tão esquecido, de que cada homem é um valor em si. E isto levava o Padre Américo quase diria a um ódio aos esquemas rígidos, desde os uniformes (em cujo banimento teve influência decisiva) até à sistemática desconfiança das estruturas mais envelhecidas pela capacidade redentora emergente da personalidade de cada um, bem enquadrada mas livremente formada pela educação do jovem e do indivíduo em geral.

● Pensador e homem de acção

(...) Por tudo isto o Padre Américo apercebeu-se de que as más condições das famílias em concreto estão na base de grande parte das disfunções da juventude. E pelo contacto directo com os Pobres viu-se obrigado a examinar um dos problemas mais graves do nosso País: a falta de habitações condignas em número suficiente.

(...) O realismo e a inquietação do Padre Américo «não o deixavam ficar quieto». E em 1951 nasceu o Património dos Pobres, para construção de pequenas casas, a fim de cada freguesia tomar a cargo os seus problemas, também aqui em espírito vicentino e sob a égide da Igreja. (...) São mais de 3.500 as moradias assim construídas. Nelas floresce uma actividade que o Padre Américo desde sempre acarinhava e os Padres da Rua têm ajudado a manter viva: a Autoconstrução. Ou seja, o ligar o homem à sua casa pelo facto de a haver sonhado e de a ter feito nascer e crescer por obra da sua vontade e das suas mãos. Na verdade um dos aspectos mais extraordinários deste pensador e homem de acção foi a sua capacidade de conceber «em grande» a partir de situações concretas e individuais.

● Padre Américo um grande escritor

Talvez por pensar assim (...), cedo compreendeu a importância de comunicar a sua mensagem pela palavra escrita. Criou para isso o jornal O GAIATO que vai em 43 anos de existência, com impressionante regularidade. Nas páginas do quinzenal, revelou-se uma faceta inesperada do seu trabalho: o Padre Américo é um grande escritor, cuja obra está (em parte) reunida em quinze volumes e constitui um monumento vivo à sua coragem e lucidez.

Prosador nato, da estirpe de um Gil Vicente, escreveu os seus artigos e comentários por modo a aproximar a linguagem escrita da língua do povo, que é afinal quem faz as literaturas clássicas. Ao percorrer as páginas do **Barredo**, do **Pão dos Pobres**, do **Ovo de Colombo**, encontramos páginas do melhor jornalismo e até verdadeiros poemas em prosa, polvilhados de um vago surrealismo de raiz cristã. O autor maneja magistralmente a arte das palavras simples, das emoções directas, do inesperado das imagens, do contraste entre o adjectivo e o

substantivo para causar maior expressividade e acutilância das ideias. Na sua obra literária a miséria e a fome estão sempre presentes, mas nunca como pretexto fácil de fácil literatura pessimista: são linhas de força no plano da criação de emoções éticas e estéticas e, portanto, na tomada de tensão que faz nascer a obra de arte. Padre Américo não é um escritor anónimo, e menos ainda um escritor formal: é um escritor situado no seu tempo, que directa e emocionalmente soube conhecer e retratar. E criou um estilo que se mantém no seu jornal (...).

Mas o Divino Estatuário que esculpiu o Padre Américo quis que ele acompanhasse todo o ciclo da vida. Assim, antes de se haver começado a falar no direito à morte digna e de se alinhar a eutanásia de homicídio piedoso, fez nascer no seu espírito a noção clara de que aos Pobres e sobretudo aos abandonados muitas vezes a Mulher Velada toma pela mão no sofrimento indizível do abandono. E assim surgiu, em Beire (Paredes), a sua última obra: o Calvário destinado aos Incuráveis que tanto necessitam da presença do Amor e de Deus, na solidão da hora final.

● A vida do Padre Américo é um vendaval comandado

Infatigável, este Gigante da Caridade, por si e pelo significado da sua Obra, marcou uma época: não é possível fazer a História da Igreja em Portugal, nem é justo fazer a História da sociedade portuguesa contemporânea sem ter em conta o que realizou e, principalmente, as razões por que o fez. Testemunho crítico dos erros de uma sociedade em transição para uma economia de abundância (por erro situada quase só no plano dos valores materiais), à vida do Padre Américo pode chamar-se um vendaval comandado. Por isso só com ela podia condizer um fim em plena acção — morreu num desastre (...).

Voltam por isso à minha memória as palavras de António Vieira: «Arranca o estatuário um pedra (...), começa a formar um homem (...) e fica um homem perfeito e talvez um Santo que se pode pôr no altar». A margem da admiração que sempre tive pela sua personalidade excepcional, e mantendo-me nos limites da objectividade, creio poder dizer que, sem perguntar das decisões da Igreja, todos temos consciência de que pô-lo no altar, como Vieira escreveu profeticamente, será uma decisão justa; consagrará uma verdade; e corresponderá ao desejo dos povos cristãos de língua portuguesa e não ape-

nas ao dos católicos de Portugal.

● Toque de anti-convenção que caracteriza os santos

Chamej ao Padre Américo um homem de transição. Tentarei agora, tirando as ilações dos factos expostos, demonstrar porquê. Ele ligou a sociedade do século XIX aos tempos renovadores e inquietos de hoje e de amanhã. Decerto visitou o Pobre (...), mas soube programar e planificar a ajuda a conceder, deste modo colaborando na actualização da mensagem inicial de Ozanam; não ignorou a esmola, mas virou-se principalmente para a recuperação social pelo

trabalho, base não desumanizada a um aspecto essencial da política social moderna; criando o Património dos Pobres («Cada freguesia cuide dos seus Pobres»), criou um tipo de planificação adequada para sustentar o gigantismo das cidades, com base numa actualização traçada a partir das realidades concretas, e não realizada sobre meros dados estatísticos colhidos em gabinete (deste modo transferiu o realismo de Balme para a vida social); e, antecipando-se ao futuro, idealizou o Calvário para facilitar a morte digna e acompanhada, a todos os filhos de Deus.

Perante os homens «práticos», Padre Américo não terá sido, principalmente, uma espécie de Visionário, ou de Louco?... (...) É este toque de anti-convenção que, através da História, leva ao arranque contra as estruturas anquilosadas, as rotinas, as ideias feitas; que caracteriza os santos, de Santo Inácio de Loyola a S. João de Deus. E é uma constante da vida, quando dirigida aos Valores Absolutos pelo humanismo cristão (...).

LAR OPERÁRIO EM LAMEGO

A nossa Casa não é muito visitada. Os rapazes vão com frequência à família, que não sente necessidade de se deslocar até aqui.

Se é bom manter o contacto com os familiares, há também variados inconvenientes quando o ambiente daqueles é carenciado de virtudes. No regresso, a indisciplina, a desordem é maior. Torna-se mais fácil esquecer, do que conservar o que se aprendeu.

Para além das famílias, há as visitas dos que nos amam e colaboram com o Lar de S. Domingos. A maior parte ajuda sem nos conhecer. Sabem que existimos, que é preciso tomar parte no pôr a mesa e nas outras despesas, e enviam donativos.

Alguns, que vêm até nós, gostam de ver, de se informar e de falar com os rapazes. Partem mais convencidos e com mais vontade de repartir carinho. Tem sido muitas vezes assim. Há tempos, recebemos uma visita que impressionou pela distância que foi preciso percorrer. Vinha com o desejo de nos conhecer e falar com um rapaz que tomou como «afilhado». Estas madrinhas são colunas fortes na economia da Casa. Não esque-

cem os alimentos de que eles necessitam, nem o calçado nem o vestuário nem os livros nem mesmo os brinquedos. Abençoadas madrinhas!

Naquela tarde de domingo, eu não estava. Pelo muito que nos tem auxiliado fiquei com pena de a não encontrar. Gostava de ler no seu rosto, e no olhar, toda a beleza daquela alma; e gostava de descobrir o que provoca a generosidade do seu coração.

Têve o cuidado de perguntar pelo Avelino e dizer-lhe: «Sou tua madrinha espiritual». Ele andou o resto do dia a querer saber o que era «madrinha espiritual!» Talvez não atingisse as explicações dadas; mas, pelo menos, ficou convencido que alguém o amava e fazia bem, mesmo sem nunca o ter visto. É natural que o beijo recebido da madrinha lhe ficasse gravado como pérola de bondade. Despediu-se e deixou um envelope. Este e outros «envelopes» facilitaram a compra da máquina de lavar a roupa. Para os 87.500\$00 que custou, ainda falta algum. É preciso que os rapazes andem limpos e arranjados, mas não se pode diminuir ao pão de todos os dias.

Padre Duarte



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Março: 65.230 exemplares.